

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

RAPHAEL MENDES FERREIRA

**O DEUS DE ARISTÓTELES: PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DA EXISTÊNCIA DE UM
PRIMEIRO MOTOR IMÓVEL E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO EXTRA IPSUM**

ANÁPOLIS

2018

RAPHAEL MENDES FERREIRA

**O DEUS DE ARISTÓTELES: PRINCÍPIOS FILOSÓFICOS DA EXISTÊNCIA DE UM
PRIMEIRO MOTOR IMÓVEL E SUA RELAÇÃO COM O MUNDO EXTRA IPSUM**

Trabalho Monográfico apresentado à Faculdade
Católica de Anápolis como exigência para conclusão
da Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Pe. Michael Silberer, ORC.

ANÁPOLIS

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAPHAEL MENDES FERREIRA

O Deus de Aristóteles: princípios filosóficos da existência de um primeiro motor imóvel e sua relação com o mundo extra ipsum.

BANCA EXAMINADORA

1. Prof. _____

2. Prof. _____

3. Profa. _____

Dedico este trabalho
a todos(as) aqueles que ardentemente
desejam e procuram a Deus, e mesmo não
o alcançando com o coração, permanecem firmes
pela convicção da razão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força e paciência concedidas para a realização deste trabalho.
Àqueles que me apoiaram e me animaram a prosseguir com o tema deste trabalho.
À minha família que, mesmo distante, continua a acreditar em meus esforços.
Aos colegas do corpo docente pelas correções.
Ao meu orientador pela dedicação e estímulos.

RESUMO

Este trabalho foi realizado para apresentar argumentos positivos acerca da divindade, elaborando, assim, um raciocínio claro e coeso a respeito de sua existência. Tal argumentação foi baseada na cosmovisão aristotélica, sem nenhum envolvimento com a cultura presente ou a sua religiosidade. Os princípios e termos aqui contidos apresentam coesão racional e têm intuito de levar ao conhecimento claro da existência de um Deus, que para Aristóteles é tido como o Primeiro Motor Imóvel.

Palavras-chave: primeiro motor, relação, causalidade, Deus, religiosidade, razão.

ABSTRACT

This work was carried out to present positive arguments about the deity, thus elaborating a clear and cohesive reasoning regarding its existence. Such an argument for the journal in the Aristotelian worldview, without any involvement with a present culture or the religiosity of it. The principles and terms contained herein were compared with the intention of bringing to the clear knowledge of the existence of a God, for Aristotle is regarded as the First Estate Motor.

Keywords: first motor, relationship, causality, God, religiosity, reason.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	1
1.	O ÍNÍCIO DO PENSAR FILOSÓFICO	4
1.1	Heráclito De Éfeso.....	6
1.2	Parmênides De Elea.....	8
2.	O ÁPICE CLÁSSICO.....	10
2.1	Aristóteles De Estagira	11
2.1.1	Noções e Conceitos Aristotélicos	11
2.1.1.1	Ato e potência	12
2.1.1.2	Essência e existência	13
2.1.1.3	Causa	14
2.1.1.4	Princípio de causalidade	16
2.1.1.5	O Infinito	17
3.	CONCLUSÃO DO CICLO: O PÍNCARO CLÁSSICO	18
4.	A CAUSA EFICIENTE E O PRINCÍPIO DE CAUSALIDADE: RELAÇÃO	19
5.	A FORMULAÇÃO DO ARGUMENTO	20
5.1	Simplex Exemplificação.....	22
6.	PROBLEMAS DA CAUSA EFICIENTE	23
6.1	Relação Entre Primeiro Motor E Matéria: Causalidade Do Primeiro Movente.....	24
6.2	Relação Existente Entre Os Primeiros Motores De Cada Esfera: Hierarquia e Causalidade	26
7.	SERÁ O PRIMEIRO MOTOR O DEUS DE ARISTÓTELES?.....	28
	CONCLUSÃO.....	30
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Desde tenra idade, o homem sempre procurou respostas para as mais variadas perguntas que o acompanharam. Saber de onde veio, qual sua finalidade nesse planeta, porque existe, o que deve fazer, de onde tudo surgiu e várias outras perguntas nortearam formas de pensar, sejam elas filosóficas ou não, de todos os homens que existiram na Terra. A essas questões teorias infundáveis e formas de respostas incontáveis, como a quantidade de civilizações que já existiram em cada canto do planeta, foram cunhadas, sendo elas respostas puramente racionais e concluídas empiricamente ou dadas por meio de superstições e mitos religiosos que se baseavam em fenômenos que até o momento não tinham uma explicação plausível. O fato é que essas perguntas nunca permaneceram sem respostas. Cada povo procurou um paradigma bem específico para sanar completamente as questões existenciais do que o rodeavam.

No mundo ocidental também não é diferente. Antes mesmo do início do pensar filosófico, Grécia e Roma possuíam, de forma bem complexa e bastante ampla, um verdadeiro panteão de deuses, cada um relacionado a um certo fenômeno da natureza ou a um aspecto da vida humana; não é em vão que para se explicar a fúria dos céus e suas inúmeras tempestades, ou o mal tempo de colheitas devido a secas e enchentes, a braveza dos mares, ou até mesmo para se explicar de onde provinham as inspirações, frequentemente recorriam aos mitos e ofereciam inúmeros sacrifícios às divindades para aplacarem sua ira e conseguirem delas favores que de uma forma natural não seria possível.

Apesar de serem conclusões ilógicas e praticamente irreais davam grande conforto aos homens de seu tempo, era um alívio saber que os questionamentos sobre a existência humana, mesmo que de forma fraca, tinham uma explicação, uma razão de ser, um motivo e uma causa para existir. No entanto, os contos e mitos não agradavam a todos. Era comum encontrar gregos descontentes com as respostas que os mitos ofereciam, e mesmo acomodados, ou melhor, confrontados a terem que quebrar paradigmas que para todo o povo eram tão comuns, começaram a tecer teses razoáveis e explicações mais lógicas não somente para os fenômenos naturais, mas também para as perguntas que envolvem todo ser que se diga

humano. Deu-se então início a um processo lento de transição, que mudou completamente a forma de pensar e de enxergar a realidade, não somente religiosa greco-romana, mas também econômica e política da sociedade; de fato, basear questões éticas não apenas em desejos de deuses, mas na racionalidade humana trouxeram novos problemas e novos meios de se gerir toda uma civilização, uma verdadeira mudança de paradigma.

Tudo poderia findar em erro, era apenas o início de uma história que seria contada até os dias atuais. Questões antigas que ainda hoje movem homens a procurarem respostas novas e diferentes das dadas por filósofos clássicos, medievais ou modernos ainda são pleiteadas pelos contemporâneos. A questão do devir é ainda hoje um motivo de intenso debate. A origem do mundo, apesar de toda aparelhagem tecnológica, ainda tem dividido opiniões de diversos grupos e de membros particulares de cada um deles. Empiristas e racionalistas não aceitam nenhuma explicação que não passe claramente pelo crivo da razão ou da experimentação científica, e que não toque ou faça menção alguma a qualquer atitude de fé que exija um mínimo de religiosidade de sua parte; ao mesmo tempo, religiosos e espiritualistas afirmam crer num princípio divino e superior, que mesmo podendo ser quase tocado pela nossa mente, foge do nosso pensar e exige de cada homem um ato de fé na revelação de um Deus, ou na existência de poderes cósmicos ou de forças sobrenaturais, que para muitos é antiquado e um verdadeiro retrocesso ao mero pensar mitológico, derrubado a séculos por pensadores que se empenharam em fugir do misticismo raciocinando intelectualmente.

São questões como essa que dividiram a humanidade durante quase toda a sua existência, e ainda hoje a divide: no que crer? Mitos? Razão? Natureza? Revelação? Forças sobrenaturais? Ciência? Entre todas as perguntas, a que tange à divindade seja, provavelmente, a de maior relevância no tempo contemporâneo, e enquanto religiosos e ateus se digladiam na busca pela posse da verdade absoluta, cabe aos filósofos, como verdadeiros amigos da sabedoria, tentarem explicar aos homens de todas as épocas questões de suma importância: princípio e devir, o mundo iniciou-se ou foi iniciado? Deus ou força cósmica? Razão ou mera crença?

Assumir uma posição que se diga adequada pode trazer inúmeros riscos, não assumir nenhuma bandeira também pode nos deixar à parte de uma sociedade que exige constantemente que homens se posicionem, e enquanto tudo se torna

subjetivo e relativo, cabe aos homens de razão tentarem uma solução que satisfaça os que desejam lógica e ciência e, ao mesmo tempo, os que desejam fé e religião.

Nessa busca incessante há os que defendem a existência de um Deus único e pessoal, e afirmam poder provar a sua existência de forma razoável com o mero uso da razão, e há ainda aqueles que negam quaisquer provas da existência de um ser transcendente, afirmando poder desmoronar qualquer tipo de argumentação que leve a tal conclusão. É nesse contexto que se observa a figura de um antigo filósofo clássico ainda hoje comentado e debatido: Aristóteles de Estagira.

Aristóteles é comumente utilizado não apenas por cientistas e filósofos modernos e contemporâneos, já na idade média inúmeros foram os estudiosos que se enveredaram a usar os argumentos do Estagirita como base de sua filosofia, seja ela de matriz teológica ou não. O principal entre eles, e digno de menção, é Santo Tomás de Aquino, que estuda e faz a sua filosofia em vista de uma ciência superior, a teologia. No entanto, o Deus de Aristóteles ainda é causa de muitos debates. Identificá-lo como tal, e demonstrar a sua superioridade, ao mesmo tempo em que se deve solucionar problemas filosóficos que tocam a conciliação de um único Deus ou de múltiplos deuses é tarefa exaustiva, tarefa, essa, iniciada não na Idade Média, mas já nos tempos antigos com os gregos.

Fazendo-se as devidas considerações, o presente escrito tem como objetivo elucidar conceitos e princípios aristotélicos na expectativa de se chegar à conclusão, nos passos do Filósofo, do primeiro motor imóvel, tido constantemente como Deus, tal como salientar a relação deste primeiro motor com o universo *extra ipsum* (fora de si), tomando a visão mesma aristotélica como sendo uma espécie de anacronismo religioso, que ainda suscita calorosas discussões.

1. O ÍNÍCIO DO PENSAR FILOSÓFICO

Tratando-se de filosofia ocidental, até onde se sabe, todo processo deu-se início na Grécia antiga¹, com a tentativa de alguns homens responderem as questões levantadas, por eles mesmos, e pela civilização que os rodeava. Esse processo, apesar de complexo, foi deveras vagaroso. Purificar o pensamento de todo misticismo e, por meio da observação da natureza², dar respostas racionais às causas do homem e do mundo não foi tarefa de um único homem, e mesmo que entre muitos um ou outro se destacasse, o seu pensamento foi auxiliado por muitos que se enveredaram a sair do comodismo de seu tempo e buscar uma realidade nova, onde os deuses não seriam mais necessários. Sem muitas resoluções, afirma-se que esse processo é conhecido por muitos como sendo a passagem do mito ao *logos* onde o homem abandona a linguagem poética e mitológica para utilizar da sua capacidade racional³.

Essa fase de saída do pensar mitológico para o início do pensar filosófico possibilitou também uma certa divisão da filosofia e de sua história. Esse processo deu-se início na antiga Grécia, por volta dos anos 500 a.C., e norteou toda a filosofia clássica. Os filósofos desse período se destacaram por buscarem na natureza bases para sua filosofia, tirando dela as respostas às causas essenciais, principalmente a questão do devir e do princípio do mundo, mas por ainda serem envolvidos pelos mitos e mesmo buscando uma racionalidade que os superasse, ainda acreditarem neles, não atingiram com satisfação o que desejavam.

Chamados de pré-socráticos, também eram conhecidos como filósofos da natureza, por partirem suas filosofias da observação da natureza, e também teólogos, pelo simples fato de ainda estarem envolvidos pelos mitos de seu tempo. No entanto os nomes que se destacam de todo o período grego são: Sócrates, Platão e Aristóteles, chamados de *os clássicos*; por meio deles, a história da filosofia antiga se divide em⁴:

¹ Cf. MARÍAS, 2015.

² Cf. THONNARD, 1968.

³ Cf. REALE, 2007.

⁴ A divisão aqui apresentada é pautada na oferecida por Padre Leonel Franca, em seu livro. (Cf. Bibliografia).

- Primeiro período ou pré-socráticos: filósofos que deram início ao pensar filosófico, partindo da observação da natureza e da aplicação do uso da linguagem para exprimir suas convicções, a grande maioria deles é composta de sofistas. É esta a “aurora do helenismo filosófico”⁵;

- Segundo período ou os clássicos: esses são basicamente os três grandes nomes da filosofia grega já citados;

- Terceiro período ou pós-socráticos: seguidores e desenvolvedores das filosofias dos clássicos que se empenharam a difundir a doutrina de seus mestres e conservarem suas ideias.

Todos eles deram contribuições plausíveis para os questionamentos filosóficos, tanto os que acertaram em suas conclusões quanto os que cometeram erros (sendo eles contribuintes com os próprios erros que puderam ser refutados, gerando novos conhecimentos). Dentre essas contribuições, em especial a dos filósofos clássicos, algumas ainda são válidas até hoje, e inúmeros filósofos no decorrer dos séculos recorreram a elas para embasar suas próprias teses. É por essa razão que a filosofia de tais clássicos é chamada de filosofia perene pois, mesmo passados muitos séculos, é válida e insuperável.

A esses homens coube a responsabilidade de explicar racionalmente as causas de tudo, dando respostas corretas às perguntas mais simples e elementares de todo ser humano. No entanto, não é tarefa do filósofo apenas responder corretamente e racionalmente as perguntas que são feitas; faz parte do seu ofício, muito mais que responder, perguntar, questionar, procurar saber. Não é em vão que aos homens, em especial aos filósofos, é direcionado o mandato: *sapere aude*⁶ e a busca pela filosofia não se faz apenas dando respostas coerentes, mas, primordialmente, fazendo perguntas coerentes. Fazer as perguntas corretas, além de determinar distinções e dar respostas, é também ofício do filósofo, aquele que não sabe questionar nunca terá as repostas de que necessita.

Nesse sentido, pode-se dizer que os pré-socráticos cumpriram com exatidão e maestria o papel de pensadores. Não focados em questões de baixa relevância, mas buscando mais profundamente, eles tentaram responder a duas principais perguntas que ainda hoje dividem a opinião: o princípio e o dever. Saber de onde

⁵ THONNARD, 1968, p. 9.

⁶ “Ouse Saber” (minha tradução). FLACCVS, livro 1, carta 2, verso 40. Essa exclamação foi tomada do filósofo Horácio (65-8 a.C.) no início do iluminismo, e é atribuído amplamente a Imanuel Kant (Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Sapere_aude; acessado em setembro de 2017).

tudo veio poderia ser determinante para concluir uma possível finalidade, e saber qual o seu princípio seria uma chave mestra para descobrir como o fim se dará. O que limitava o pensamento, mesmo sendo essas duas questões as mais importantes e corretas a serem feitas, eram não somente a escassez de termos, mas também a falta de algumas noções usadas hoje, tanto por religiosos quanto por ateus e agnósticos como, por exemplo, a noção de criação a partir do “nada”. A falta dessa noção fez com que muitos dos filósofos procurassem princípios e explicassem o devir de todo o mundo material partindo de um elemento material pertencente e constituinte desse mesmo mundo, o que com o clarear da filosofia mostrou-se insustentável. Também, o fato de muitos ainda estarem em constante contato com a mitologia fazia-os sempre cair novamente em conceitos e explicações mitológicas, onde as divindades seriam reais princípios dos elementos naturais, e quando isso não satisfazia, afirmar que toda a matéria, assim como algumas divindades, seria eterna, se mostrava como única conclusão plausível.

O problema se concentrava então no princípio, que deveria ser concluído de forma racional. Como tudo surgiu era a questão de maior relevância, mas dar a resposta dessa indagação era um desafio tremendo, não pela incapacidade dos filósofos, mas pelas deficiências no conhecimento universal, como já dito, eram poucos os termos e muito fracas as noções. Deduzir um princípio imaterial era de longe muito arriscado, cair novamente nos mitos poderia não ser uma opção para aquele que se enveredou a usar a razão e chegar a tal princípio por meio dela, era de uma complexidade que por fim exigiria a fé dos adeptos e seguidores, talvez a mesma fé exigida para se crer nos mitos. Mesmo assim, dentre todas as teorias e mitos, um filósofo pré-socrático se destacou na busca pela verdade, e por meio do uso da razão, conseguiu concluir a necessidade de um princípio ordenador, que não pertencesse ao mundo material e que ao mesmo tempo não poderia ser concluído por meio dele.

1.1 Heráclito De Éfeso

Muitos foram os filósofos pré-socráticos que tentaram responder as questões do princípio e do devir, no entanto, foram poucos os que contribuíram de fato para um pensar realmente filosófico e de cunho mais lógico-científico, o que não os

desvaloriza quanto as suas descobertas em outras áreas de conhecimento, como as artes poéticas e a matemática. Dentre os filósofos predecessores dos clássicos, o primeiro a dar um contributo eficaz, ao menos para a linha de raciocínio aqui seguida, foi Heráclito. Para ele, tudo que é, provém do fogo⁷. Sua lógica, embora muito simples, é realmente revolucionária, e a sua descoberta o tornou célebre entre os pré-socráticos.

Partindo da afirmação de que tudo é em movimento, dado por opostos, e negando completamente a estática como mero engano dos sentidos humanos, Heráclito colocou no fogo⁸ as esperanças de dar uma resposta satisfatória à pergunta do princípio. Observando a sua capacidade transformadora, e a sua constante movimentação, achou perfeito o encaixe do elemento fogo com sua teoria do constante devir⁹, e logo se satisfez com tal ideia. Entretanto, ainda havia algo que não se encaixava, que não coadunava com as suas observações da realidade.

Sendo algo quase que incontrolável e completamente avassalador, continuou a pensar no fogo e em seu movimento dinâmico, observou também que tudo que existe possui uma ordem determinada, ordem essa que se assemelhava bastante com a própria ordem racional, que os homens faziam na realidade, ordem tal que o fogo, apenas, não seria capaz de criar. Concluiu então que, mesmo sendo o fogo o princípio do mundo, deveria existir por trás dele um princípio pensante que ordenasse as suas ações, os seus efeitos, principio este que não se encontra de forma direta e sensível no mundo material, mas apenas no mundo espiritual¹⁰, enquanto concluído pela razão, pelo raciocínio. A esse princípio ele chamou *logos*. É válido ressaltar aqui que Heráclito o conclui não como um princípio criador, mas

⁷ Cf. BERGE, 1969.

⁸ É importante salientar aqui que os antigos não tinham todo o conhecimento científico a respeito da matéria que os circundava. Ao escolher elementos naturais como fonte e princípio de toda a realidade não faziam meras escolhas de matéria, mas acreditavam que esses elementos possuíam forças sobrenaturais, até mesmo divinas. Deve-se ao fato de ainda estarem vivendo na era dos mitos. Quando Heráclito postula o fogo como princípio não o pensa como nós hoje pensamos, e não o via como hoje vemos, à luz da ciência, mas via nele algo de divino, algo de sobrenatural.

⁹ Para Heráclito, tudo era constante movimento, sempre uma oposição de contrários, levando-o a concluir que sendo assim, aquilo que aparentemente era estático não passava de mero engano dos nossos sentidos. Sua afirmação e crença no movimento era tão veemente que até mesmo a questão do devir ele responde com o uso do próprio movimento, ou seja, para Heráclito até mesmo o devir era devir. (Cf. BORNHEIM, 1993).

¹⁰ A conotação deste termo não faz menção ao sentido de espiritualidade ou de qualquer religiosidade, mas puramente as coisas carentes de matéria.

meramente como um princípio ordenador, organizador, externo ao fogo, mas agindo nele¹¹.

Pode aparentar algo muito simplório, mas este pensamento lançou bases para Aristóteles e para muitos outros filósofos que o procederam. Concluir racionalmente a existência de um princípio foi a grande contribuição dada por ele, e afirmar a razão como critério da verdade¹² foi de grande valia, e mesmo que os outros não adotaram totalmente a sua teoria do fogo como princípio elementar, o uso da razão para se concluir um princípio fez com que suas ideias fossem estudadas até hoje. Nota-se, também, que a influência de Heráclito, mesmo não pensando num princípio divino, como um deus, pode auxiliar na conclusão da necessidade de uma causa externa que faça ordem na realidade, no mundo material, e ele não chega a essa conclusão (por meios supersticiosos ou) recorrendo a mitos, mas conclui sua tese com o simples uso da razão, abstraindo dos sentidos e usando de seu intelecto, e mesmo não sendo ele um precursor nato da teoria do conhecimento, ou do estudo do modo do conhecimento humano, já ajudou a lançar bases ao afirmar que enquanto os sentidos enxergam os fenômenos, a razão é capaz de ir além e concluir os princípios que estão por trás de tais fenômenos. Não que seja uma prova da existência de um ser transcendental divino, mas corrobora muito na possível conclusão da existência de tal ser.

1.2 Parmênides De Elea

Como opositor de Heráclito, Parmênides se levanta, negando absolutamente a existência do movimento e afirmando a estática geral¹³. Para ele o movimento é apenas um engano dos nossos sentidos, e tudo o que é, é o ser, não o ser aristotélico completamente abstrato, mas um único ser do qual tudo que existe pertence e faz parte, e por esse motivo tudo é uma constante estática.

¹¹ Cf. BORNHEIM, 1993.

¹² Cf. Ibidem.

¹³ Ao contrário de Heráclito, Parmênides negava completamente a existência do movimento, e afirmava que tudo que 'é' era estático, enquanto participante de um único ser. Para ele, não existe seres, mas um único ser do qual tudo participa e permanece imutável. (Cf. Ibidem).

As suas contribuições podem não ter sido muito úteis em primeira instância, mas seus argumentos filosóficos a respeito do ser foram usados, mesmo que de forma modificada, por Aristóteles e seus seguidores. Negando a existência do movimento, Parmênides faz algumas outras afirmações; dentre elas a principal era a respeito do ser como objeto próprio do intelecto. Ele afirmava que o ser das coisas não é percebido pelos nossos sentidos, mas é apenas inteligido pelo nosso intelecto, ou seja, captado intuitivamente (sem premissas, mas de forma direta); e isso não impediria que aquilo que é conhecido como objeto do intelecto seja diferente ou distinto do que existe na realidade material, mas pela contemplação se percebe o que para os sentidos se ausenta:

Contempla como, pelo espírito, o ausente, com certeza, se torna presente; pois ele não separará o ser de sua conexão ao ser, nem para desmembrar-se em uma dispersão universal e total segundo a sua ordem, nem para reunir-se. [...] O mesmo é pensar e o pensamento de que o ser é, pois jamais encontrarás o pensamento sem o ser, no qual é expressado. (BORNHEIM, 1993, p. 55 e 56).

Foi esse pensamento que fez com que Parmênides, mesmo negando o óbvio (movimento), tivesse seu nome perpetuado e mencionado ainda hoje. Com sua observação, descobriu qual o objeto próprio do intelecto, criando assim uma certa cisão com a filosofia da natureza e abrindo espaço para uma nova área de conhecimento: a ontologia.

Entusiasmado com a descoberta do ser, e empenhado em desenvolvê-la, Parmênides não se preocupa mais com as questões principais da filosofia de sua época, e deixa sem resposta tanto o devir, quanto o princípio. O que o torna importante aqui é o fato de que, diferente da doutrina pregada por Heráclito, ele descobre o objeto próprio do intelecto humano, e afirma que o homem é capaz de conhecer aquilo que está por trás das coisas materiais, usando do intelecto, mesmo que de forma intuitiva; o homem é capaz de transcender a matéria e adentrar num campo de pura abstração, concluindo intuitivamente a existência de realidades que por meio da mera observação da matéria não seria possível; o que não invalida o uso dos sentidos, muito pelo contrário, é por meio deles que se dá a observação, e é

por meio desta que se chega ao ser: “a diversidade das aparências deve revelar uma presença que merece ser recebida, penetrando tudo totalmente”¹⁴.

É interessante perceber que, mesmo com falhas nos argumentos e nas teses em si propostas, todos esses filósofos, ao seu modo, contribuíram para evidenciar a capacidade do homem de conhecer, de enxergar realidades que não se fazem presentes de forma direta no mundo material, que não podem ser captadas simplesmente pelo uso dos sentidos, mas que são concluídas logicamente pela razão, e que não necessitam de fatos empíricos, mas na certeza de que a inteligência humana é capaz de conhecer coisas abstratas, que mesmo sendo tais não deixam de serem reais pois, ainda que em um âmbito de pura abstração, foram pautados em entes reais, coisas existentes na matéria, e que quando aplicados no âmbito material são facilmente aceitáveis, não por crença, mas por necessidade lógica, forçada pela própria razão.

Fazendo como que uma suma desses filósofos, tem-se a figura de um notório pensador clássico. Ele responde de tal forma as questões do princípio e do devir, que suas conclusões foram usadas por inúmeros outros filósofos e, dentre eles, se destaca a figura de Santo Tomás de Aquino.

2. O ÁPICE CLÁSSICO

Considerado por muitos como o maior filósofo já existente, ao menos do período clássico, inúmeras vezes citado como argumento de autoridade por Santo Tomás, sendo referido sempre como O Filósofo, e incontestável em diversos assuntos não somente filosóficos, Aristóteles foi, de fato, uma das maiores mentes especulativas que já existiram, e graças aos seus esforços a filosofia, com o limiar do tempo, foi criando um aspecto de perenidade sólida que nem mesmo a filosofia moderna e contemporânea, com todos os seus desmandos, conseguiu dissolver.

¹⁴ Ibidem.

2.1 Aristóteles De Estagira

Sabendo acolher a verdade, independentemente de quem a profira, e filtrando os argumentos e teses propostas por mestres antes de seu tempo, ele conseguiu, partindo sempre da estrita observação da realidade, formar conceitos, noções e concluir princípios que ainda hoje não foram superados, e são aceitos universalmente por todos os filósofos, e embora muitos queiram fugir dele, sempre acabam por recorrer ao Filósofo num ponto ou outro. Foi ele que da forma mais satisfatória possível respondeu as questões do devir e do princípio do mundo, sem recorrer ao uso dos mitos e usando, não de modo pueril, a sua capacidade intelectual.

Não concordando com as teses de Heráclito, nem compactuando com as teses de Parmênides, deu um passo muito mais adiante de seu tempo, e cunhou sua tese a respeito do movimento como sendo uma mudança, uma passagem de *potência* a *ato*¹⁵ onde tal movimento, a passagem de um ao outro, é chamado de *devir*. Sua explicação possibilitou concluir outros princípios importantes para a filosofia, como o de causa e efeito, noções de infinito, lugar e tempo, a necessidade do *primeiro motor*, e até mesmo uma certa hierarquia de seres baseados na materialidade e também no princípio vital, ou seja, na alma que possuem.

Por serem termos que até então eram desconhecidos por seus convivas, foram cunhados e utilizados por ele para explicar realidades que, fisicamente, com o simples uso dos sentidos não poderiam ser observadas. Faz-se necessário também, de forma sucinta, explanar um pouco sobre eles, tal como será feito também com os princípios que importam para o presente texto.

2.1.1 Noções e Conceitos Aristotélicos

Dotado de uma capacidade que ultrapassava o seu próprio tempo, Aristóteles deixou por escrito um grande acervo de obras não somente filosóficas, e são destas

¹⁵ Movimento é “ato do que está em potência enquanto tal”, ou o “ato do móvel como móvel”. (ARISTÓTELES. Física, Livro III 201 a 11. 2, 202 a 7-8, Apud: PHILIPPE, 2002. p. 122).

obras que outros filósofos, de todos os tempos, tomam base para também fazerem filosofia. Nos seus escritos se encontram definições e termos bem específicos. Quanto aos referentes a este artigo, os fragmentos e citações mais recorrentes serão retirados da Física e Metafísica, e de outras obras que tomam por base o pensamento aristotélico.

2.1.1.1 Ato e potência

Sabe-se que ato e potência podem ser considerados como modos do ser, ou “princípios constitutivos e estáveis de todas as coisas”¹⁶, podendo este estar hora em ato, hora em potência, ou ambos, mas nunca sob um mesmo aspecto. Quanto as definições, existem certos termos “que não podem ser definidos, mas que como por indução, e nos aplicando em distingui-las daquilo que elas não são”¹⁷ podemos apenas compreendê-las; o próprio Aristóteles atesta, ao afirmar que “não é necessário, com efeito, procurar tudo definir, mas é preciso saber contentar-se em apreender a analogia”¹⁸.

Descreve-se potência como sendo o “conjunto das aptidões ou elementos próprios para produzir um ser ou um ato”¹⁹. Em outros termos, pode-se dizer que potência é a capacidade de se ter uma perfeição. “A primeira determinação do ato e da potência surge da análise do movimento”²⁰, assim pode-se observar:

Através da mudança as coisas adquirem perfeições que antes não possuíam. Contudo, é preciso que o sujeito seja capaz de possuir essa qualidade que alcança com o movimento. Os exemplos aristotélicos são claros: nem um animal nem uma criança pequena sabem resolver problemas matemáticos, mas o animal nunca poderá fazê-lo, enquanto que a criança pode aprender; um pedaço de madeira informe ainda não é uma estátua, porém tem capacidade de chegar a converter-se em escultura nas mãos do artista, enquanto a água ou o ar não possuem essa possibilidade. (ALVIRA, 2010, p. 98).

¹⁶ ALVIRA, 2010, p. 98.

¹⁷ GARDEIL, 2013, p. 403.

¹⁸ Ibidem, p. 406.

¹⁹ Dicionário Compacto da Língua Portuguesa.

²⁰ ALVIRA, 2010, p. 97.

Quanto ao ato, pode-se dizer que é a perfeição já possuída por um sujeito. “Trata-se de uma noção primeira e evidente, que, portanto, não se pode definir, mas só mostrar com exemplos e por contraposição com a potência”²¹. Quanto a sua relação a potência, Gardeil apresenta, segundo o raciocínio aristotélico, os seguintes critérios:

- Anterioridade do ato em relação à potência: o ato é anterior e explica a potência, segundo a noção, a ordem temporal e a perfeição (ou substância);
- Toda atividade tem seu princípio no ato: a potência não pode, por si mesma, elevar-se ao nível do ato; será preciso sempre que, na ordem da eficiência, intervenha um ser em ato (GARDEIL, 2013, p. 407 – 408).

2.1.1.2 Essência e existência

Assim como ato e potência, esses são tidos como princípios constituintes do ser em ato, ou melhor, do ente. Sobre a existência, sabe-se que é princípio no ente que faz com que ele seja, exista; é o ato-de-ser do sujeito. Quanto a essência, é ela que, colocando em termos muito simplórios, determina o que o ente é, ou seja, que ele seja aquilo e não um outro²².

Relacionando-os com os conceitos de ato e potência, pode-se afirmar que a essência se apresenta como estando em potência para existir na realidade como ser material, enquanto a existência se relaciona diretamente com o ato, conferindo à essência o ato de ser, ou seja, seria a essência a potência, e a existência o ato.

A respeito de distinções, fazem-se necessárias ao tratar-se de essência e existência. Mesmo sendo sempre encontradas unidas nos entes deve-se admitir uma distinção real entre elas, caso contrário, uma implicaria na outra de tal modo que se misturariam, o que acontece apenas no ato puro. De fato, a essência para ser vista no ente implica o ato-de-ser desse ente, mas tratando-a de forma puramente abstrata, não; o que auxilia na explicação de essências que não possuem existência material. Caso não houvesse distinção, seria preciso admitir que toda a essência existe realmente no mundo físico, o que não corresponde à realidade observada. É uma questão bastante discutida, principalmente por filósofos

²¹ Ibidem, p. 99;

²² Cf. JOLIVET, 1986.

tomistas, que sustentam a necessidade dessa distinção real. É válido ressaltar ainda que “distinção real não significa necessariamente separação, nem mesmo possibilidade de separação”²³, de tal modo que essência e existência se manifestam sempre conjuntas.

2.1.1.3 Causa

De todas as experiências humanas, pode-se dizer que a experiência de causas é a mais comum e ao mesmo tempo a mais usada pelos homens para exprimir certas explicações. A observação das causas é o que há de mais comum para o homem, mesmo que estas não possam ser vistas diretamente, mas somente partindo do efeito causado. Somos capazes de percebê-las não mais quando tratamos do ser em si, mas ao observamos as mútuas relações existentes entre os entes.

Quanto à definição, pode-se afirmar que causa é “aquilo que real e positivamente influi em uma coisa, fazendo-a depender de algum modo de si”²⁴. Aqui, deve-se ressaltar a diferença entre a causa e o princípio, enquanto este “é aquilo do qual algo procede de algum modo”²⁵ sem necessariamente uma dependência, aquela exige, por natureza, uma dependência efetiva no ser, o que se leva a concluir que toda causa pode ser considerada um princípio, mas nem todo princípio é uma causa. Considerando essa dependência, Aristóteles mesmo dividiu as causas e as definiu no livro V da *Metafísica*, dizendo²⁶:

É chamado de causa, em um primeiro sentido, aquilo do qual uma coisa é feita, como o bronze da estátua, a prata do copo etc., e também para o gênero a que pertencem essas matérias. Em outro sentido, é chamado de causa a forma e o modelo, isto é, o motivo da essência e também seus gêneros. [...] O primeiro princípio de mudança ou repouso também é

²³ Cf. *Ibidem*.

²⁴ ALVIRA, 2010, p. 253.

²⁵ *Ibidem*, p. 254.

²⁶ “Se llama causa, em uma primeira acepción a lamateria de una cosa está hecha, como elbronce de la estatua, laplata de la copa, etc., y también a los géneros a que pertenecen estas materias. Em outro sentido se llama causa a la forma y el modelo, es decir, larazón de laessencia, y también sus géneros. [...] También se llama causa al primer principiodel cambio o delreposo. Así, por ejemplo, el que da unconsejo es una causa y el padre lo es de su prole; em uma palavra: el que hace y el que estimula o causael cambio de algo, es causa del cambio. Por último, es también causa delfin, y llamofinaquello em vista de locual se hace algo”.(SAMARANCH, 1977, p. 958, minha tradução).

chamado de causa. Assim, por exemplo, aquele que dá conselhos é uma causa e o pai é causa da sua prole; em uma palavra: aquele que faz e aquele que estimula ou provoca a mudança de algo é a causa da mudança. Finalmente, também é a causa do fim, e eu chamo fim aquilo em vista do qual algo é feito. (SAMARANCH, 1977, p. 958).

O Filósofo, entretanto, não se fecha e se circunda apenas sobre estas quatro causas (material, formal, eficiente e final), mas estas são como que os modos de ver e entender todas as outras espécies e subespécies de causas que são como que subdivisões desses quatro tipos apresentados. Acerca de definições, pode-se afirmar:

- Causa Material: é aquilo utilizado para a fabricação de algo, ou melhor, “é aquilo do qual e no qual se faz algo”²⁷, sendo assim o princípio de individuação;
- Causa Formal: é aquilo que faz com que uma coisa seja aquela coisa e não uma outra. É o princípio de determinação do ente que se encontra nele de modo intrínseco. É a perfeição ou o ato do ente;
- Causa Eficiente: é o que estimula a mudança (ou o efeito) no ente, o que dá origem a ele enquanto sendo matéria e forma. Gandra a define como sendo “o agente ou princípio do qual flui primariamente qualquer ação que faz com que algo seja, ou que seja de um modo novo”²⁸;
- Causa Final: Aristóteles já define tal causa como sendo aquela em vista da qual se age ou se faz algo, sendo assim, ela é a que determina a ação do agente, e tida como sendo a *causa causarum*.

De modo resumido e colocando em relação as quatro causas, pode-se afirmar que “o fim move o agente; o agente extrai ou concebe a forma; a forma organiza a matéria”²⁹.

O próprio Filósofo faz uma certa distinção entre as causas, classificando-as quanto a origem (intrínsecas e extrínsecas) e quanto à sua existência (“*per se*” e “*per accidens*”), e as subdivide em diversas outras classes segundo as quatro principais. Não convém aqui fazer um estudo minucioso a respeito de cada distinção e noção, cabe apenas conhecer a existência delas na metafísica, e principalmente observar a relação delas com o movimento, e/ou com o princípio de causalidade.

²⁷ GANDRA, 2006, p. 40.

²⁸ Ibidem, p. 41.

²⁹ Ibidem, p. 43.

2.1.1.4 Princípio de causalidade

Viu-se, ao tratar potência e ato, um mínimo mencionado a respeito do movimento, sendo este a passagem da potência ao ato. Com esta mesma tese, Aristóteles desenvolve o princípio de causalidade e as suas leis como sendo certos axiomas, podendo concluir, assim, a necessidade de se afirmar a existência de um primeiro princípio, ao qual ele denomina como sendo o motor imóvel.

Quanto ao princípio, diz-se:

Tudo que é movido é movido por outro. Historicamente, esta é a primeira formulação do princípio de causalidade. Seu autor é Aristóteles, que o enuncia em *Phys.* VII, c. 1, 241b24. Em geral, pode-se denominar movimento a toda passagem de potência a ato, de algum não-ser ao ser; em consequência, o que comprova essa fórmula e a irredutibilidade absoluta entre a potência e o ato, e a impossibilidade daquilo que está em potência seja causa de seu próprio ato. A aplicação rigorosa desse princípio proporcionou a Aristóteles a descoberta da existência do Primeiro motor, Ato puro, a causa primeira e radical do movimento do que se move. (ALVIRA, 2014, p. 246).

Com outra formulação, diz também que tudo que se inicia tem início por alguma causa. Levando em consideração que aquilo que está em potência só vem a ser em ato por uma ação externa ao sujeito onde potência-ato residam, isso porque “aquilo que não possui um determinado ato não é capaz de dá-lo a si mesmo”³⁰, todo movimento observado exige uma causa externa a si e, assim, sucessivamente, no entanto sem ir ao infinito, já que o infinito em ato não existe. Assim conclui o Filósofo:

Já que todo movido é necessariamente movido por algo, se seguramente uma realidade é movida de um movimento local por outra realidade movida, e se por sua vez o motor é movido por outra realidade movida, e esta por outro, e sempre assim, é necessário que exista algo, o primeiro motor, e que não se vá ao infinito. (Física, Livro VII, c. 1, 242 a 15-20 – Apud:PHILIPPE, 2002, p. 130).

O argumento de causa e efeito é posteriormente comentado por ele mesmo no livro precedente ao livro VII da Física, e depois amplamente comentado e utilizado pelos filósofos medievais, principalmente por Santo Tomás, como já

³⁰ ALVIRA, 2014, p. 245.

mencionado, que identificando o primeiro motor como sendo o próprio Deus, usa do argumento aristotélico para evidenciar a sua primeira e segunda via a respeito da existência de Deus³¹.

Para estabelecer aqui uma certa linha de raciocínio, é necessário ainda deixar evidente a noção de um termo também questionado pelo Filósofo e definido por ele: infinito.

2.1.1.5 O Infinito

Depois de uma análise minuciosa a respeito do movimento feita no livro VIII da Física, Aristóteles dedica algumas páginas para a questão do infinito, e a faz em relação à limitação do movimento e do tempo, levando em consideração que “cada uma dessas realidades necessariamente é infinita ou limitada”³².

Quanto à definição, segundo as orientações filosóficas, é um termo de grande discussão, e não apenas Aristóteles deu a ele uma definição, ou no mínimo uma descrição satisfatória. Nicola Abbagnano traz em seu dicionário a distinção principal de infinito em três sentidos, distinguindo entre infinito matemático, infinito teológico e infinito metafísico³³. Na área metafísica diz-se que infinito é “o que exclui todo limite em todos os gêneros de perfeição possíveis” ou/e “o que não tem limite num gênero de perfeição determinada”³⁴. A este artigo, cabe o uso da noção de infinito matemático, que se subdivide em infinito potencial e infinito atual, dados por Aristóteles.

Segundo uma minuciosa observação dos entes, o Filósofo concluiu que não existe neles um infinito atual, levando em consideração que infinito é o que não pode ser percorrido ou o que pode ser percorrido, mas não em sua totalidade³⁵. Ele concluiu então que um infinito em ato não pode existir realmente, no entanto, não pode ser concebido ou pensado distinto das realidades sensíveis, pois não se apresenta *per se*. Entretanto, negar a existência do infinito é inviável e traria uma

³¹ Cf. STh I, q. 2, a. 3, Respondeo.

³² PHILIPPE, 2002, p. 123.

³³ Cf. Autor Citado, 2007.

³⁴ JOLIVET, 1975, p. 124.

³⁵ Cf. ABBAGNANO, 2007.

série de impossibilidades³⁶ que implicariam diretamente em diversos princípios concebidos. Sendo assim, é necessário reconhecer a existência do infinito, mas não em ato e sim em potência, o que leva à conclusão do conceito de infinito potencial. Se observamos o conceito de infinito matemático, as reflexões de Aristóteles se justificam e se afirmam; logo conclui-se:

O conceito de I. [infinito] potencial foi elaborado por Aristóteles, que negava que o I. pudesse ser atual, ou seja, real, tanto como realidade em si (substância) quanto como atributo de uma realidade (Fís., III, 5, 204 a 7 ss.). Isto quer dizer que o I. não é substância nem propriedade ou determinação substancial, mas que "existe somente de modo accidental" (Ibid., 204a 28), como disposição de grandezas. (ABBAGNANO, 2007, p. 562).

Analisando a partir do movimento, nota-se onde o argumento aristotélico pretende levar o pensamento após as conclusões acerca do infinito. Sem a possibilidade de um infinito atual, mas apenas postulado pelo intelecto não é admissível que um certo ciclo de causas e efeitos tenda ao infinito (partindo da direção do efeito para a causa), e que um movimento não tenha um início específico.

3. CONCLUSÃO DO CICLO: O PÍNCARO CLÁSSICO

Amplamente estudado e aprofundado, Aristóteles não foi esquecido como muitos outros filósofos de seu tempo. As contribuições dadas por ele o levaram a atingir um patamar quase inacessível para muitos outros homens. Seu pensar, seus argumentos e suas obras ainda são vivas. Não são poucos os filósofos modernos que se enveredaram a analisar o Filósofo e com base nele fabricar suas próprias teses e princípios, Hegel chegou a afirmar que "Aristóteles deve ser considerado, se existem, como um dos mestres do gênero humano"³⁷.

Não apenas filósofos ateus e filósofos de matrizes não cristãs se debruçaram sobre Aristóteles, também cristãos o utilizaram fortemente, principalmente na idade média, onde vê-se a figura de Santo Tomás, que frequentemente utilizava de citações das obras do Filósofo como verdadeiros argumentos de autoridade; basta

³⁶ Cf. PHILIPPE, 2002.

³⁷G. W. Hegel, Lições sobre a história da filosofia, 1, 1, 3, B,4 – Apud: PHILIPPE, 2002, epígrafe.

folhear algumas páginas de seus escritos que logo se nota quantas vezes ele recorre ao Filósofo.

No entanto, não é apenas por, mesmo que tão antigo, ser simultaneamente tão atual que muitos pensadores frequentemente recorrem ao auxílio dos princípios aristotélicos. A posição racional e ao mesmo tempo empírica³⁸ de Aristóteles confere a ele um peso maior para os que desejam explicações puramente científicas, e mesmo que se duvide da posição do Filósofo quanto as duas linhas (racionalismo e idealismo), toma-o sempre como base sólida. Pode-se dizer que não preferindo os extremos, escolheu ele uma posição mais adequada: o meio, ali, onde se encontra a virtude. Não foi em vão que procurou ele viver retamente, segundo os valores e costumes que possuía, é dele o postulado mencionado acima, que diretamente se afirma: “a virtude consiste na disposição em escolher o justo meio”³⁹.

Tendo ciência clara dos termos, noções e princípios apresentados por Aristóteles, fica clara e evidente a conclusão dada por meio do argumento postulado pelo Filósofo. Mas ainda é imprescindível fazer algumas considerações.

4. A CAUSA EFICIENTE E O PRINCÍPIO DE CAUSALIDADE: RELAÇÃO

Embora existam quatro principais causas, e todas elas são fundamentos para explicação do movimento (causa-efeito), o princípio de causalidade se refere diretamente à causa eficiente, pois tendo todo movimento um agente que o inicie, fica evidente a necessidade de um princípio externo ao movimento, ou seja, é evidente a causa eficiente e a sua relação com o princípio de causalidade. A esse respeito, com autoridade pode-se citar:

Entre as coisas, a dependência causa-efeito se expressa no universal de múltiplas maneiras, conhecidas sob o nome de princípio de causalidade. Convém esclarecer que neste ponto só fazemos referência à causa eficiente que, em certo sentido, é a mais radical. [...] a causa material e a formal se fundamentam na causa eficiente, que sempre é transcendente ao ente

³⁸ Cf. BUNNIN, 2007.

³⁹ NICOLA, 2005, p. 97.

causado; quanto à causa final [...] vai intimamente unida à causa agente (ou eficiente). (ALVIRA, 2010, p. 245).

5. A FORMULAÇÃO DO ARGUMENTO

Como já mencionado, o princípio de causalidade, em praticamente todas as suas formulações, foi utilizado amplamente por religiosos para expressar a certeza de um ser transcendente que é ponto de partida e sustento de tudo o que existe. O maior exemplo entre eles fora Santo Tomás de Aquino, que se acercava das obras aristotélicas para embasar sua teologia, chegando a ver na filosofia um caráter servil para as doutrinas teológicas. Não é em vão que chega ele a afirmar que “convém que a razão natural sirva a fé”⁴⁰ chegando a ser a “philosophia ancilla theologiae”⁴¹.

A primeira, segunda e terceira via tomista para a justificação da existência de Deus partem de formulações do princípio de causalidade, que sem necessidade de devaneios com novas explicações, podem ser facilmente apercebidas quando bem estruturadas. Combinando princípios já definidos por Aristóteles, e organizando seu pensamento (contido em suas obras), Santo Tomás apodera-se das seguintes premissas⁴²:

1. Tudo o que se move é movido por outro;
2. É impossível uma série infinita de motores, pois do contrário não se chegaria ao momento atual;
3. Nada do que existe é causa de si mesmo, necessitando de uma causa que o explique, da qual é efeito;
4. É impossível uma série infinita de causas, pois nunca se chegaria ao efeito atual;
5. Existem seres contingentes, que podem existir ou não;
6. É impossível que todos os seres sejam contingentes, pois do contrário alguma vez nada teria existido. (GANDRA, 2006, p. 91-92).

Observando a semelhança entre as premissas, nota-se uma diferença apenas quanto à formulação, o conteúdo de cada uma mostra-se ser completamente igual, ressalvando as duas últimas, que mesmo sendo formulações do princípio de

⁴⁰ “Oportet quod naturalis ratio subserviat fidei” STh I, q. 1, a. 8, ad. 2^{um}.

⁴¹ Filosofia serve da teologia (minha tradução) Cf. STh I, q. 1, a. 5.

⁴² Os pontos enumerados foram retirados do capítulo IV do Manual Esquemático de História da Filosofia.

causalidade, não são claramente entendidas como tal por algum leigo que se arrisque no campo da filosofia, deve-se isso ao uso de termos mais complexos. No entanto, tratando-se das quatro primeiras, é evidente a conclusão proposta por Aristóteles e depois absorvida pelo Santo.

Já feitas anteriormente aqui as distinções, definições e apresentação de noções e princípios, torna-se mais fácil a observação do argumento, e concluir já não é algo mais tão complicado. Sendo todo efeito o resultado de uma causa, sendo a causa um existente em ato, do contrário não seria capaz de atualizar a potência que espera por isso; deve-se afirmar que, necessariamente, exista uma causa primeira em ato, que dê início a todo movimento que tem termo no efeito, isso porque, não admitindo a existência de um infinito em ato, nem mesmo um movimento que tenda ao infinito, deve-se aceitar que exista um algo completamente incausado, ao qual Aristóteles intitula como sendo o motor imóvel e/ou o primeiro motor. Deve ser incausado, porque caso haja causa deva ser ele um efeito, e aquilo que antecede a ele deve ser um primeiro princípio. Por isso se diz do primeiro motor que ele é causa incausada, e não que ele seja causa de si mesmo.

No sentido de ato e potência, sabe-se que um ser em ato não chegou a ser como é por si mesmo, já foi dito que um ser em potência não chega a ato por si mesmo, pois não possui em si mesmo a perfeição que almeja, sendo assim, é sempre necessário um ser externo em ato que seja a causa eficiente para a passagem da potência ao ato. Pode-se seguir essa cadeia até o infinito, se se levasse em consideração um seguir puramente potencial, como nas grandezas numéricas, onde um número pode ser colocado um após o outro e isso de modo infinito, mas oposto à realidade, onde não se chega ao infinito de modo atual, a um infinito em ato. Ou seja, também com ato e potência se verifica que tratando de abstração, pode-se postular uma sequência infinita de causas e efeitos, no entanto, na realidade essa postulação não coaduna, pois será necessário admitir um ponto inicial, um ser em ato sem nenhuma potencialidade que o faça depender de um outro ser externo que o atualize, caso contrário tender-se-ia novamente ao infinito atual, o que não é possível. Sendo assim, conclui-se a existência de um primeiro ato, que seja ato puro, iniciador do movimento como causa, que gera um primeiro efeito, que se torna causa de um outro efeito e assim consecutivamente.

5.1 Simples Exemplificação

Um exemplo muito simples a ser dado, como remate para este artigo, pode ser visto a partir da montagem de um grande jogo com peças de dominó. Cada peça enfileirada uma após a outra é ao mesmo tempo efeito da queda da peça que a precede e consecutivamente causa da queda da peça ulterior. Ora, se seguir-se o caminho que vai do efeito para a causa, pode-se tender ao infinito, mas apenas potencialmente, imaginando assim uma infinita fileira de peças, no entanto, na realidade isso não é possível, pois para que uma peça caia é preciso que a anterior tenha caído, e assim necessita-se de uma primeira peça que tenha caído e dado origem ao movimento, caso contrário, não haveria movimento, porque nenhuma peça caiu por primeiro. No entanto, a primeira peça a cair, não caiu por si mesma, pois mesmo tendo esta potência, não tem a capacidade de atualizá-la (como já foi demonstrado) e necessita, assim, de um outro que seja a causa de sua queda, no caso, a mão do homem que empurra a primeira peça é que dá origem a toda sequência do movimento.

Aqui, de modo análogo, a mão seria o primeiro motor, aquele que dá início ao movimento e gera um primeiro efeito e cria-se então uma cadeia de causas e efeitos. Esse primeiro efeito, que é o primeiro movido, é também um algo necessário, pois do contrário não teria uma sucessão ulterior de outras causas e efeitos, como afirma o Filósofo: “Consequentemente, é necessário parar e admitir um primeiro motor e um primeiro movido”⁴³.

É necessário que se aceite as premissas e conclusões expostas por Aristóteles, isso não por mera credence em suas palavras, mas por que estas são demonstradas de forma direta e ligadas com a realidade material à qual o homem tem contato frequente e direto. Negá-las seria negar princípios infusos na própria ordem da natureza aos quais físicos e matemáticos se debruçam continuamente para entendê-los. Quanto ao termo possibilidade no uso dessas premissas, poder-se-ia cair no uso do pensamento cético, afirmando que são apenas conclusões possíveis, o que as torna passíveis de modificações ou até mesmo de negação e falsidade. Ora, as premissas e conclusões feitas por Aristóteles foram

⁴³ “Por consiguiente, es preciso detenerse y admitir un primer motor y un primer ser movido” (minha tradução – SAMARANCH, 1977, p. 665).

completamente embasadas por meio da experiência direta da natureza, da realidade existente, e é por esse motivo que negá-las seria negar a própria realidade. A essa questão o próprio Filósofo se justifica⁴⁴:

[...] não importa de modo algum que a impossibilidade seja o resultado de uma hipótese, uma vez que a hipótese foi concebida dentro do campo da possibilidade e, quando é admitida, não se pode admitir que dela resulte uma impossibilidade. (SAMARANCH, 1977, p. 665).

É claro, aqui não se trata de intuições *a priori*, as provas são indiretas. Caso cogite-se a possibilidade de uma série infinita de motores e movidos chegar-se-ia a uma série de absurdos que ficariam sem explicações, o que culminaria na impossibilidade do próprio argumento; sendo assim, o contrário, tornar-se-á verdadeiro, ou seja, uma série finita de motores e movidos excluiriam os absurdos aos quais a razão rejeita e, sendo assim possível, torna-se capaz de verdade.

6. PROBLEMAS DA CAUSA EFICIENTE

Até o momento, todo o argumento aristotélico foi observado e analisado a partir da causa eficiente, ponto de partida tomado não apenas aqui, mas por diversos outros filósofos, em especial, por Santo Tomás na confecção dos argumentos apresentados como provas (vias) para a existência de Deus. É necessário, entretanto, salientar que Aristóteles não tinha a concepção de criação, assim como toda a filosofia grega⁴⁵, e que para a cosmovisão grega o universo era formado por esferas, nas quais cada qual possuía uma alma vivificante própria⁴⁶.

Também para o mundo grego, pela ausência da noção de *creatio ex nihilo*, a concepção que possuíam da matéria era a mesma que possuíam dos deuses, ou de Deus mesmo: eterna. É nesse âmbito que a demonstração do primeiro motor imóvel entra em atrito. Como explicar a causalidade exercida por ele, relacionando simultaneamente com a eternidade da matéria e de cada esfera existente? A essa

⁴⁴ “[...] pues no importa nada que la imposibilidad resulte de una hipótesis, pues la hipótesis ha sido concebida dentro del campo de lo posible y, cuando se ha admitido lo posible, no se puede admitir que resulte de ello una imposibilidad.” (SAMARANCH, 1977, p. 665, minha tradução).

⁴⁵ Cf. TERRA, 1999.

⁴⁶ Cf. REALE, Volume I, 2005.

questão, Aristóteles tenta exaustivamente responder no livro da metafísica, mais especificamente no livro XII.

Outros problemas, como por exemplo, a vida do primeiro motor, sua relação com as outras coisas e até seu modo de existir em si mesmo não tangem as perspectivas desse trabalho, apenas os aspectos relacionados à causalidade serão tratados. Entre eles, o elemento mais complexo é a exata relação do primeiro movente, que não move no sentido de causa eficiente com a matéria que é eterna.

A. Relação entre Primeiro Motor e Matéria: Causalidade do Primeiro Movente

Sabendo que para Aristóteles, o primeiro motor não é causa, ou melhor, princípio da matéria, é evidente que a exegese feita de seus escritos o caracterizando como causa eficiente do cosmo não é correta, ao menos para o Estagirita. Ele mesmo, considerando a eternidade e até a divindade do mundo e de cada esfera, evidencia a posição contrária à causalidade eficiente do primeiro motor. A essa questão, ele responde com precisão no livro da Metafísica, afirmando que o modo causal do primeiro movente é no sentido de causa final, como aquele bem supremo e infinito ao qual tudo tende e não por meio do qual tudo fora criado.

Como já mencionado, Aristóteles, servindo-se dos cálculos e estudos astronômicos de seu tempo, conclui precisamente a existência de cinquenta e cinco esferas as quais formam todo o cosmo e onde a Terra é a última delas⁴⁷. Reale elenca em sua obra a respeito da metafísica de Aristóteles com exata precisão a quantidade e a divisão de cada esfera⁴⁸.

No entanto, fica ainda mais complexa a relação do primeiro motor com cada uma das esferas celestes. O Estagirita atesta a eternidade e imutabilidade tanto da esfera, quanto do céu de cada esfera e, sendo estas imutáveis, também imutável é o movimento de cada esfera. O problema consiste em que, sendo cada esfera separada entre si, é necessário postular a existência de um primeiro motor que dá início ao movimento de cada esfera de modo análogo ao primeiro motor, o que deixa

⁴⁷Cf. *Ibidem*.

⁴⁸Cf. *Idem*, Volume III, 2005.

claro que, para Aristóteles, não existia apenas um único primeiro movente, mas quantas as esferas fossem, tantos seriam os primeiros moventes. A essa questão, será feita uma alusão num próximo tópico.

Para o Filósofo, a primeiro motor, que se encontra no primeiro céu (última esfera) é a causa mais radical de todo movimento em todas as outras esferas, pois estando essas ordenadas em direção ao primeiro céu, também os seres suprassensíveis se encontram ordenados ao primeiro suprassensível que é o primeiro motor do primeiro céu.

Quanto à forma de atração, causalidade exercida pelo primeiro motor do primeiro céu, Aristóteles assim diz⁴⁹:

O que é belo e o que é em si mesmo desejável estão na mesma ordem do inteligível, e o primeiro em cada série é sempre, absoluta ou analogicamente, o melhor de todos. Esta distinção deixa claro que existe, na ordem dos seres imóveis, uma causa final. [...] O primeiro movente move como o que é amado, enquanto as outras coisas movem sendo movidas. (Metafísica XII 7, 1072 b 3-4 – Apud: SAMARANCH, 1977, p. 1054).

No que se refere ao argumento, dá-se que sendo o primeiro motor o movente do primeiro céu, que na ordem hierárquica é o mais excelente, o ótimo, o perfeito, é ele o mais amado e desejado, e todas as outras substâncias, sensíveis ou suprassensíveis, tendem a ele como objeto mesmo de amor e realização. Assim especifica Reale:

Parece justo, ao invés, dizer com Ross: “(...) Deus é causa eficiente por força de ser causa final, mas de nenhum outro modo”. O mundo, mesmo que seja inteiramente influenciado por Deus, pela atração que Ele exerce como fim supremo, portanto, pelo desejo do perfeito, não teve começo. Não houve um momento em que havia o caos (o não-cosmo), justamente porque, se assim fosse, *seria negado o teorema da prioridade do ato sobre a potência*: primeiro existiria o caos, que é potência, depois haveria o mundo, que é ato. Mas isso é tanto mais absurdo, porquanto Deus é eterno: *sendo Deus eterno, atraiu eternamente, como o que é amado (...) o universo*, que, portanto, desde sempre foi como é. (Volume I, 2005, p. 115).

⁴⁹ “Lo que es bello y lo que es ensímismodeseable se hallanen este orden de lointeligible, y lo primero en cada serie es, en los seres inmóviles, la causa final. Existe, en efecto, alguna cosa que es causa final; pero de estas cosas una existe, otra no. El ser inmóvil mueve a manera de lo que es objeto de amor, y lo que ha sido movido por él, mueve las demás cosas.” (minha tradução).

Assim, fica esclarecida a relação entre o primeiro motor do primeiro céu com a matéria, que também eterna, é concomitante ao ele no tempo. Fica ainda em voga explicitar a relação entre o primeiro motor do primeiro céu, com os outros primeiros motores existentes para cada um dos outros cinquenta e quatro céus e suas respectivas esferas. A esta questão, Aristóteles alude uma explicação também no livro da Metafísica.

B. Relação existente entre os primeiros motores de cada esfera: hierarquia e causalidade

Sabendo que o cosmo não é formado por apenas um único céu, mas formado por uma série de esferas, das quais cada uma possui o seu próprio movimento eterno e imutável, Aristóteles chega à conclusão de que para cada uma das esferas deva-se admitir a existência de um primeiro motor, que seja origem do movimento, seguindo o princípio de atração, tornando-se causa final e não causa eficiente do movimento existente em cada uma das esferas. Assim, o próprio Filósofo admite a existência, não de um único, mas de vários primeiros motores que são sem causa, eternos e imóveis⁵⁰.

A questão aqui levantada influencia diretamente na questão religiosa do Estagirita, ao menos do ponto de vista da teologia atual. Afirmando a existência de vários primeiros motores deve-se, portanto, afirmar a existência de vários deuses, no mínimo um para cada esfera existente no cosmo. O problema é que, mesmo sendo o cosmo formado por cinquenta e cinco esferas, ele é apenas um, um único universo, o que, seguindo o princípio aristotélico de causalidade, exige um único primeiro princípio, um só primeiro motor.

Para tentar conciliar as suas afirmações filosóficas com as respectivas convicções teológicas, Aristóteles assume uma visão hierárquica do universo onde este, sendo formado por diversas esferas, é apenas um, numa hierarquia da qual ninguém pode escapar, nem homens, nem deuses. Tal hierarquia é feita com base nas diversas modalidades de substâncias, que são divididas em três grupos:

⁵⁰Cf. REALE, Volume I, 2005.

1. Substâncias suprassensíveis, imóveis e eternas: que movem as esferas desprovidas de qualquer materialidade;
2. Substâncias sensíveis, móveis e eternas: que movem as esferas compostas de matéria incorruptível;
3. Substâncias sensíveis, móveis e corruptíveis: que movem as esferas compostas de matéria corruptível.

O Estagirita deixa claro sua afirmação acerca do primeiro motor do primeiro céu, afirmando que a relação entre ele e os outros motores é semelhante à relação exercida por ele com a matéria. Assim como o primeiro motor do primeiro céu move o mundo como causa final, no sentido de atração, também causa movimento nos demais motores, sendo objeto de seus desejos. Ora, o que é mais perfeito na hierarquia dos seres é o mais desejável e amável, portanto, sendo o primeiro motor do primeiro céu o mais perfeito dentro da hierarquia aristotélica, é ele também o objeto de desejo de todas as outras substâncias que se direcionam para aquilo que é mais perfeito, e movendo-se em direção do mais perfeito, causa os outros movimentos subsequentes, de modo análogo ao primeiro motor do primeiro céu.

A complexidade do problema exige de Aristóteles uma resposta que, aparentemente dada, é também complexa. Mesmo tentando com diversas lucubrações, o próprio Filósofo não esgota o assunto. A explicação da atração do primeiro motor do primeiro céu sobre os outros motores ainda não satisfaz muitos filósofos, que atestam não ter uma razoável solução. Assim, se referindo a Aristóteles, atesta Reale:

[...] não se veria como do movimento do primeiro céu poderiam derivar diferentes movimentos, nem como, pela atração uniforme de um único Movente, pensados como *substâncias supra-sensíveis*, capazes de mover de modo análogo a Deus, quer dizer, como causas finais (causas finais relativamente às esferas individuais). [...] ele tentou separar nitidamente o Primeiro Movente dos outros, situando-o num plano totalmente diferente, de modo a poder, legitimamente, chamá-lo de único, e dessa unicidade poder deduzir a unicidade do Mundo. [...] as cinquenta e cinco substâncias moventes são também substâncias imateriais eternas, *independentes do Movente Imóvel quanto ao ser*. O Deus aristotélico não é criador das cinquenta e cinco Inteligências moventes: daqui a dificuldade sobre a qual refletimos. [...] o Estagirita, depois, deixou completamente sem explicação, pelo menos na *Metafísica*, a relação precisa existente entre Deus e essas substâncias e, também, entre essas substâncias e as esferas que elas movem. A Idade Média transformará essas substâncias nas célebres “inteligências angélicas” moventes. (REALE, Volume I, 2005, p. 118 e 120).

Assim, o primeiro motor imóvel do primeiro céu se encontra no topo da hierarquia dos seres suprassensíveis, pois se situa no primeiro céu, que é mais excelente por não possuir corruptibilidade nem matéria alguma deixando claro que entre todas as substâncias suprassensíveis ele é o primeiro, o único e o ótimo.

7. SERÁ O PRIMEIRO MOTOR O DEUS DE ARISTÓTELES?

Quanto à religiosidade de Aristóteles, pode-se dizer que muito pouco se sabe. Por estar numa época de tangível politeísmo, pode-se afirmar que o próprio Filósofo também não contrariava a concepção teológica de seu tempo, no entanto, os argumentos filosóficos que ele apresentou, levaram-no à beira de um monoteísmo, mesmo que efetivamente não tenha seguido e pregado tal doutrina.

Pode auxiliar na compreensão desse fato a questão linguística do seu contexto histórico. Para os modernos e contemporâneos, é simples a compreensão do que seja divino e do que seja Deus, entretanto, com a falta de noções básicas que hoje já existem, o conceito de divindade ou divino para os gregos é muito distante do conceito que hoje se tem. O termo divino era usado para designar “uma ampla esfera, na qual, a título diverso, entram múltiplas e diferentes realidades”⁵¹. Em geral, era considerado divino tudo aquilo que era considerado como eterno e incorruptível, podendo entrar aqui desde o próprio primeiro motor até a alma humana mesma, de cada indivíduo.

Mesmo sendo diversas as coisas divinas, o Estagirita tentou uma certa unificação do que fora divino; ele mesmo chega a identificar de forma explícita como único e usa o termo Deus, no sentido mesmo da palavra, apenas para o primeiro motor do primeiro céu⁵².

Sobre a religiosidade do Filósofo, ainda há aqueles que defendem a posição de um real monoteísmo (mesmo que velado). Entre eles se encontra Dom Terra, que após uma profunda análise da linguagem e outros aspectos que tangem a realidade

⁵¹ Ibidem.

⁵² No livro XII da Metafísica 1072 b 14, ao terminar algumas elucidações a respeito da vida do primeiro motor do primeiro céu, Aristóteles conclui dizendo: “Dizemos, com efeito, que Deus é vivente, eterno e ótimo; de modo que a Deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna: isto, portanto, é Deus”. (Apud:REALE, volume II, 2005, p. 565).

indo-europeia, tentando responder à pergunta: monoteísmo ou politeísmo? Ele afirma (e pode-se também perceber que nas últimas linhas, Dom Terra deixa claro sua posição, em crer que para Aristóteles existia apenas um único Deus, imóvel, eterno e causa de tudo, mesmo não deixando explícito se a prática religiosa do Estagirita segue sua posição filosófica):

A lógica da argumentação de Aristóteles obriga a admitir um único Deus. Mas referindo-se a “opiniões religiosas” dos antepassados” (*Metaph.* XII, 8, 1074 b), Aristóteles fala como o mito deu forma antropomórfica às substâncias primeiras, adorando-as como deuses. Aristóteles acha que as “opiniões dos antepassados” são relíquias válidas. Atribuindo assim a divindade às substâncias celestes, Aristóteles parece aceitar um resíduo de politeísmo em sua concepção religiosa. Mas neste texto há duas coisas muito interessantes a serem observadas: a primeira é a explicação que ele dá sobre a origem mítica do politeísmo; a segunda é que situa seu Deus, o “Primeiro Motor Imóvel”, no contexto religioso do culto dos antepassados, dando-lhe assim uma conotação religiosa (*Metaph.* XII, 8, 1074b). (TERRA, 1999, p. 617).

A respeito de toda a argumentação acerca desse único Deus para Aristóteles, é também em Dom Terra que se pode encontrar um compilado dos argumentos e da doutrina geral do Filósofo acerca de Deus como primeiro motor imóvel:

O argumento principal do livro XII da *Metafísica* também parte do movimento. Todo movimento requer uma causa movente. Toda passagem de potência em ato requer um princípio em ato. Logo, o mundo em seu conjunto, o universo, requer um primeiro motor. Primeiro, não no sentido temporal, mas supremo. Esse primeiro motor é imóvel (*tò próton kínounakíneton*, *Metaph.* XII, 1074 a). Se não fosse imóvel, requeria outra causa e esta outra ainda, e assim infinitamente. A necessidade de pôr termo à série infinita de causas é prova de sua existência (*Metaph.* 1074 a). Se algo move sem ser movido é porque está *em ato* (em atualidade plena, atividade pura), ele é o princípio de tudo e dele dependem o céu e a terra. O primeiro motor imóvel é Deus, que não pode ter grandeza nem extensão (*Metaph.* 1074b); sua imensidade exclui toda ubiquação finita porque aquilo que é finito não pode ter um poder infinito como Deus; também não é matéria (*oukécheihýlen*, *Metaph.* 1074 a). É causa final, sendo objeto do amor e do desejo. É ato puro (*enérgeia*), pois é perfeito e não precisa conseguir nada fora de si. Logo, age sobre o mundo como objeto de amor. Não é causa eficiente do universo. Não é criador. Como causa final, causa o devir mas não o provoca. Move inspirando o desejo. Na esfera imaterial, o desejável e o inteligível são a mesma coisa; é vivo, pois o ato de entender é vital. Sendo ato puro (*enérgeia*) que é por si mesmo, ele é a vida “ótima e eterna” (*zoe aristékaiaídios*). (1999, p. 616).

Com estas palavras, e seguindo a mesma linha de raciocínio e exegese que Dom Terra faz de Aristóteles, pode-se concluir que, de fato, o primeiro motor imóvel

é o Deus de Aristóteles, mesmo que ainda de modo confuso e imparcial esta conclusão vá de encontro a outras diversas questões filosóficas levantadas pelo Filósofo mesmo.

CONCLUSÃO

Num mundo onde empirismo e positivismo ainda vigoram como norma para qualquer homem que deseje trilhar os caminhos da ciência, pensar em metafísica, principalmente aristotélica, pode ser algo muito arriscado, não por negar completamente Aristóteles, mas por não se aceitar a sua doutrina pautada num realismo idealístico, mesmo que moderado, mas existente. Aceitar a realidade tal como ela é, ou ao menos tal como Aristóteles enxergava pode trazer consequências inúmeras para aqueles que pretendem fazer filosofia de modo plenamente subjetivo, seguindo mais a devaneios pessoais do que a axiomas reais.

Mesmo com toda a discussão, fica claro desde o pensamento dos pré-socráticos a evidência de que o ser humano é capaz de pensar, e mais, é capaz de conhecer as coisas em si por meio do uso de sua razão pessoal. As doutrinas de Heráclito e Parmênides podem não ser a verdade plena, e devido a erros na argumentação, podem ser passíveis de muitos questionamentos, até ao ponto de se afirmar a falsidade, mesmo que não completa, da doutrina de ambos. No entanto, o contributo principal dado por tais filósofos foi essencial para o desenvolvimento da filosofia: concluir que o homem é capaz de, por meio do uso do intelecto, conhecer realidades que para os sentidos não se apresentam foi um salto marcante para se chegar a respostas que antes eram, de forma muito pueril, dadas pelos mitos. Não que estes não tenham valor algum, mas tentar purificar o pensamento de superstições e de fábulas poéticas, para assim, raciocinando, concluir resultados mais eficazes e satisfatórios, foi de fato uma grande mudança no modo de pensar que marcou não apenas os gregos, mas todo o ocidente.

Ainda não satisfeitos com conclusões não tão apuradas a respeito das origens humanas, de seu fim e de sua permanência nesta terra, tal como a total escuridão a respeito da realidade visível que constantemente tinham contato, os

primeiros filósofos se esforçavam para explicar e assegurar paradigmas que salvaguardassem a todo um sistema vigente de seu tempo, e como que uma luz, fonte segura de iluminação e calor, desponta Aristóteles que, com um forte pensamento crítico e especulativo, dá respostas mais acertadas que seus predecessores. Sua cosmovisão, seus termos e definições a respeito do espaço que o circunda foi de exatidão e precisão tão acertadas que ainda hoje são válidos, estudados e utilizados como base para a produção de inúmeras outras formas de filosofia. Não é em vão que é ele considerado o pai da filosofia perene, ao qual ateus e religiosos frequentemente recorrem para se sustentarem.

Entretanto, não é Aristóteles um nato religioso, seguidor dos ensinamentos dos sacerdotes da época, e o contrário também não pode ser afirmado de modo verídico. Não se deve tomar o Filósofo como sendo um ateu exímio, justificando tal afirmação com sua especulação empírica a respeito da natureza; ele mesmo, ao concluir alguns raciocínios sobre o motor imóvel o chama de Deus, provavelmente seguindo um senso comum de sua época, devido ao modo como o afirma⁵³. É por este ponto que muitos ainda se dividem e lutam para tomar para si os direitos de uso do Filósofo, tentando tomá-lo como uma sólida bandeira de argumentos. É válido ressaltar, também, que mesmo não se sabendo a respeito da religiosidade do Filósofo, ele mesmo assegurou a necessidade de crer numa entidade que seja única, primeira, eterna, incausada e perfeita, existente realmente em ato, ao qual por meio de argumentação puramente filosófica denominou como sendo o Primeiro Motor, imóvel e causador de todas as outras causas e efeitos existentes.

Uma ferramenta utilizada por ele para se chegar a tal conclusão é o princípio de causalidade, levando em consideração que seja necessário a existência de um princípio primeiro que esteja completamente em ato e que não seja antecedido de nenhuma outra causa, para dar início a um movimento que culmina numa série de efeitos observáveis. É fato que ao se tratar de causas, mencionar efeitos tornar-se-ia um mero uso de tautologia, afinal, a noção de causa exige necessariamente a noção de efeito⁵⁴, caso contrário nem uma, nem outra poderiam ser observados.

⁵³ “El ser que nosotros llamamos Dios, escrito con mayúscula, no corresponde a la mentalidad de Aristóteles sobre el primer motor, sino muy parcialmente.”; “O ser que chamamos Deus, escrito em letras maiúsculas, não corresponde à mentalidade de Aristóteles no primeiro motor, mas muito parcialmente”. (Cf. SAMARANCH, 1997, Nota de Rodapé, p. 1055. Minha tradução).

⁵⁴ Cf. ALVIRA, 2010.

São inúmeras as posições tomadas e as bandeiras levantadas por diversos filósofos no decorrer da história, mas simultaneamente poucas que pretenderam revelar a verdade como sendo algo absoluto, não por força de expressão, mas por estar pautada numa objetividade da qual o próprio homem faz parte: o mundo, as coisas, os entes; negá-los seria negar a realidade e aceitá-los seria aceitar totalmente a realidade, com seus entes visíveis, e consecutivamente com todos os princípios que a razão do homem pode concluir por meio dela. Há até mesmo que se afirmar que o risco a correr aceitando a realidade é a adesão ao teísmo, sendo ela o efeito de uma causa que a transcende. Mas aqui há de se fazer algumas resoluções.

A conclusão aristotélica sobre o primeiro motor, por meio do princípio de causalidade, não é uma prova absoluta da existência de Deus, é talvez uma via para a conclusão de tal ser. Entretanto, observando (com o intelecto) as características necessárias deste primeiro motor, que são depois atribuídas e tomadas como sendo características do próprio Deus, é de fato um argumento muito salutar e arrebatador para os que querem firmar a fé num único ser transcendente causador de tudo que é. Talvez, entre todas as questões já levantadas pelo homem uma nunca foi tão atual como o é agora: Deus existe? Bem, enquanto uns afirmam que não e outros afirmam que sim, Aristóteles demonstra racionalmente a existência de um ser que tem atributos divinos, partindo apenas da observação da realidade.

Um passo importante e provavelmente decisivo para aqueles que especulam esse tema, após todo o acervo de princípios e argumentos, seja a tomada de uma única decisão, onde a pergunta da fé se une com a filosofia e cada qual pode responder de forma pessoal e muito concreta: o primeiro motor concluído por Aristóteles é, de fato, Deus?

Mesmo encontrando diversas desproporções e, se é que assim pode ser dito, ambiguidades no pensamento do Estagirita, Dom Terra se posiciona categoricamente ao afirmar a existência de um monoteísmo latente, não apenas na filosofia aristotélica, quanto também na sua conduta prática. A relação entre o primeiro motor e os diversos outros primeiros motores de cada uma das esferas do universo não foi uma questão esgotada por Aristóteles, que mesmo arriscando assemelhar a forma de causalidade existente entre Deus e o Mundo, a Deus e as outras substâncias suprassensíveis, deixou num impasse esta problemática.

Ao término de seus estudos e argumentações, como última posição tomada por Aristóteles, é nítida a adesão do Filósofo na crença em um único Deus que, primeiro motor imóvel e causa de toda a realidade extra ipsum não de ordem eficiente, mas como causa final, age sendo objeto de amor e desejo atraindo tudo para si, move dando origem ao devir mesmo não sendo princípio próprio de tudo, conceito esse que advém apenas com a revelação cristã. Como que uma prova a esta afirmação, tanto Reale quanto Dom Terra fazem alusão a um trecho conclusivo da *Metafísica* de Aristóteles, onde o Filósofo escreve não mais num tom acadêmico, mas descreve o primeiro motor, quase como num hino de louvor:

De tal princípio, portanto, dependem o céu e a natureza. E seu modo de viver é o mais excelente: é o modo de viver que só nos é concedido por breve tempo. E naquele estado Ele está sempre. Isso é impossível para nós, mas para Ele não é impossível, pois o ato de seu viver é prazer. E também para nós a vigília, a sensação e o conhecimento são sumamente agradáveis, justamente porque são atos, e, em virtude deles, também esperanças e recordações (...). Se, portanto, nessa feliz condição em que às vezes nos encontramos, Deus se encontra perenemente, isso nos enche de maravilhas; e se Ele se encontra numa condição superior, é ainda mais maravilhoso. E ele se encontra efetivamente nessa condição. E Ele é também Vida, porque a atividade da Inteligência é vida, e Ele é, justamente, essa atividade. E sua atividade, subsistente por si, é vida ótima e eterna. Dizemos, com efeito, que Deus é vivente, eterno e ótimo; de modo que a Deus pertence uma vida perenemente contínua e eterna: isto, portanto, é Deus. (*Metafísica* XII 1072 b 14 – Apud: REALE, Volume I, 2005, p. 116).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5.ed. São Paulo: Mestre Jou, 2007.
- ALVIRA, Tomás. **Metafísica**. 8. ed. São Paulo: 2010.
- AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**. Volume I. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- BERGE, Damião. **O Logos Heraclítico**. Introdução aos Estudos dos Fragmentos. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.
- BORNHEIM, Gerd A. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BUNNIN, Nicholas (org). **Compêndio de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- FRANCA, Leonel. **Noções de História da Filosofia**. 14. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1955.

- FLACCVS, Horatius. **Epistularium**. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/horace/epist1.shtml>>. Acessado em: 14 de Setembro de 2017, 14h.
- GANDRA, Ives Martins Filho. **Manual Esquemático de História da Filosofia**. 3. ed. São Paulo: LTR, 2006.
- GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino**. Volume 1. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- JOLIVET, Regis. **Curso de Filosofia**. 16. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1986.
- _____. **Vocabulário de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- MAIA, Eliana Lista (Coord.). **Dicionário Compacto da Língua Portuguesa**. Edição Especial. São José do Rio Preto: Clipper, 1998.
- MARÍAS, Julián. **História da Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia Ilustrada de Filosofia**, Das origens à idade moderna. 1. ed. São Paulo: Globo, 2005.
- PHILIPPE, Marie-Dominique. **Introdução à Filosofia de Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 2002.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**, Volume I – Filosofia Pagã Antiga. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- _____. **Metafísica de Aristóteles**, Volume I – Ensaio Introdutório. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. **Metafísica de Aristóteles**, Volume II – Texto Grego com Tradução ao Lado. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. **Metafísica de Aristóteles**, Volume III – Sumário e Comentários. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- SAMARANCH, Francisco de P. (Trad.). **Aristóteles Obras**. Espanha, Madri: Mora, 1977.
- TERRA, João Evangelista Martins. **O Deus dos Indo-Europeus**. São Paulo, Brasil: Loyola, 1999.
- THONNARD, F.-J. **Compêndio de História da Filosofia**. São Paulo: Herder, 1968.